

Finalista Man Booker International Prize

JÓN KALMAN STEFÁNSSON

OS

«Um romance com a grandeza oceânica  
e a sabedoria das antigas sagas nórdicas.»

*The Spectator*

PEIXES

NÃO

TÊM PÉS



cavalo de ferro

## *Prólogo*

Nem o sol a poderia deter, e muito menos palavras bonitas, tais como arco-íris e amor, estas eram, de facto, inúteis e seria melhor descartá-las – tudo começava com a morte.

Temos muitas coisas: Deus, orações, música, tecnologia, ciência, fazem-se novas descobertas todos os dias, telemóveis de última geração, telescópios com maior capacidade, mas depois morre-nos alguém e ficamos sem nada, tacteamos em busca de Deus e sentimo-nos desiludidos, tocamos na chávena de café dele, na escova que ainda tem cabelos dela, tocamos-lhes como se fossem objectos de consolo, magia ou lágrimas, como se fossem algo que nunca regressará. Que há a dizer? Provavelmente nada, a vida é incompreensível, injusta, mas vivemo-la de qualquer maneira, não há como evitá-lo, desconhecemos outras possibilidades, a vida constitui a única certeza, sim, a vida, esse tesouro, essa quinquilharia sem qualquer valor. Talvez não exista nada após a vida. No entanto, tudo começou com a morte.

Não, não pode ser verdade, porque a morte é o fim, aquilo que nos silencia, que nos arranca da mão o lápis a meio de uma frase, que nos desliga o computador, que faz o sol desaparecer, o céu arder, a morte é a futilidade feita carne, não podemos, de todo, deixar que se inicie, tal não é permitido. A morte é uma falácia de Deus, a morte é aquilo que foi criado quando Deus, porventura em desespero, fundiu a crueldade com o arrependimento ao acreditar que a sua criação não se concretizaria como desejara. Mas em cada morte há uma nova vida...

# *Keflavík*

— PRESENTE —

*Keflavík não existe.*  
Retirado do poema *Islândia*.

*Em Keflavík há três pontos cardeais:  
o vento, o mar e a eternidade.*

*Desprovida de qualquer valor,  
e não se conhece sítio onde o céu  
esteja mais distante da Terra*

Não quero desrespeitar ninguém, mas só o Ari me podia ter arrastado até aqui e fazer-me atravessar a enorme extensão de lava negra que se susteve dolorosamente há centenas de anos, nua em certos sítios, porém, nos restantes, coberta de um musgo que a amoleceu e domou, que a revestiu de silêncio e serenidade; sai-se da cidade, passa-se a grande fábrica de alumínio e entra-se na lava, que ao início é um grito antigo e depois é um silêncio coberto de musgo.

O céu está nublado, as nuvens negras asfixiaram a tímida luz de Dezembro e a lava é como uma noite escura de ambos os lados da autoestrada de Reykjanes. Os postes de iluminação pública acompanham a estrada com a sua luz constante que cuida das pessoas e lhes rouba as estrelas e a paisagem, uma luz que lhes bloqueia a visão. Conduzo por entre um crepúsculo cinzento e algumas recordações, atravesso a lava e sentimentos incertos, que em parte nunca regressam, todavia, estou de volta, não de modo hesitante, mas a 110 quilómetros por hora, rumo a Keflavík.

Keflavík, que não existe.

Não sei se tem algo que ver com esse verso de fácil memorização, com a verdade do poema a que o verso pertence, mas ir a Keflavík é sempre como sair do mundo e entrar numa não-existência. No entanto, fica a apenas vinte minutos de carro da grande fábrica de alumínio e a escassa vegetação que a rodeia até aos primeiros edifícios de Njarðvík ergue-se da lava, envolta por uma luz cinzenta opaca e pelo absurdo. Esta estranha maravilha, ou seja, que exista aqui vida, nunca deixa de me surpreender, nem ao Ari; o facto de viverem aqui pessoas, de existirem aqui alguns edifícios possui em si algo que desafia o senso-comum, a racionalidade histórica. Não me interpretem mal, os edifícios de Njarðvík decerto não me irão

extasiar, estou preparado para os observar. Pouco depois de meio do percurso até Keflavík avisto Stapi, a aldeia que vivia à custa dos militares, mas que agora morre lentamente, em parte afundada na lava atrás de Stapi, o grande promontório que dá o nome à aldeia, e que entra no mar agitado como um punho gigantesco ou um grito. Poucos quilómetros depois, surge um grande sinal, um nome que pulsa devagar, como um batimento cardíaco pesado, acima dos veículos que se deslocam a alta velocidade: *REYKJANESBÆR*.

Surge como um aviso aos viajantes, que têm aqui a sua última oportunidade de voltar para trás, o mundo termina aqui.

Reykjanesbær, o nome da junção das três povoações antigamente conhecidas como Njarðvík, Keflavík e Hafnir.

Dez mil pessoas. E uma baixa quota piscatória.

Não volto para trás, passo o sinal de aviso, saio do mundo e pouco depois sou confrontado com coisas difíceis de compreender. Para começar, com o hangar gigante na antiga base militar, desde há muito o maior edifício da Islândia, construído pelas tropas americanas, sendo a sua dimensão uma confirmação da superioridade militar dos Estados Unidos. Depois, as casas de Njarðvík erguem-se da lava, e atrás delas estende-se Keflavík, a vila onde eu e Ari passámos anos importantes das nossas vidas, um sítio com três pontos cardeais.

A Islândia é um país duro, diz-se algures: «E praticamente inabitável nos anos maus.» Esta afirmação não podia ser mais verdadeira, porque as montanhas têm uma má disposição, as suas encostas são mortíferas, o vento pode ser implacável, as rajadas geladas, desesperantes. Um país duro, e os Islandeses foram quase exterminados por completo por duas vezes, extintos pelas dificuldades, pela doença, pelas erupções vulcânicas, e Keflavík é sem dúvida o sítio mais duvidoso de todo o país. Comparados com Keflavík, Biskupstungur e a região de Skagafjörður parecem quase paradisíacos e inclusive reflectir a brandura de terras muito mais a sul. Se a pesca falhasse, pouco mais nos podia salvar. Ventos tempestuosos e incessantes fustigavam a população, a água da chuva, necessária à vida, desaparecia na lava juntamente com a esperança, e não se conhece local onde o céu esteja mais distante da Terra do que este. «Desprovida de qualquer valor», diz o *Registo Nacional*, redigido no século XVIII

por Árni Magnússon e Páll Vídalín, a primeira descrição exaustiva de Keflavík, feita com a imparcialidade dos cientistas. Não tinham tempo para poesia, emoções ou condenações, orientavam-nos a perspicácia e a sinceridade: «Os navios não aportam aqui, os cais são pobres. Não há pastagens, certos campos exteriores que proporcionam melhores pastos, mas o fornecimento de água não podia ser pior, seja Verão ou Inverno. O caminho até à igreja é longo e amiúde intransponível no Inverno. Em nenhum outro local em todo o país vivem as pessoas tão perto da morte.»

Eu e o Ari saímos de Keflavík na década de 1980, entrámos num autocarro com as coisas que nos eram importantes – roupa, recordações, livros, discos – e nunca olhámos para trás. O motorista do autocarro, um idoso respeitável com cabelo grisalho-prateado e dotado de uma serenidade bondosa, enfiou uma cassette no autorrádio logo no início da viagem e aumentou o volume, pois estava parcialmente surdo, e, durante todo o percurso até Reiquiavique, ouvimos os Wham! como se sujeitos a um castigo cruel. Saímos lentamente de Keflavík, passámos o porto, situado nas proximidades da base militar e dos seus caças e seis mil americanos, todos eles já desapareceram, partiram há vários anos, levaram com eles as suas armas e a morte, empregos e hambúrgueres, a estação de rádio e as discotecas, deixaram apenas edifícios abandonados e desemprego.

O autocarro atravessou Njarðvík e Reykjanes, nessa época não passava de uma estrada estreita e lenta, demorava-se pelo menos uma hora a chegar a Reiquiavique, o motorista pôs a tocar a *Wake Me Up Before You Go-Go* dos Wham! três vezes durante o percurso, pois a sua tranquilidade bonacheirona transformara-se em tirania.

«É com agrado que visito o local mais negro do país», disse o Presidente da Islândia na sua visita a Keflavík em Setembro de 1944, três meses após a fundação da República Islandesa, foram essas as primeiras palavras proferidas pelo nosso presidente na sua única visita oficial a Keflavík. O sítio mais negro: como foi possível viver aqui antes da chegada dos militares, da era da industrialização?

A resposta é simples: basicamente não era possível.

«Em nenhum outro local em todo o país vivem as pessoas tão perto da morte.»

O vento incessante parece provir de duas direcções ao mesmo tempo, as rajadas que carregam sal e areia fustigam-nos de forma intercalada, o céu está tão distante, que as nossas orações chegam apenas a meio do caminho e caem como aves mortas ou transformam-se em granizo, a água potável é tão salgada quanto a do mar. Este sítio não se adequa à vida, tudo se opõe a que as pessoas aqui se fixem, seja o senso-comum, o vento ou a lava. Ainda assim, vivemos aqui todos estes anos, todos estes séculos, tão teimosos quanto a lava, em silêncio ao longo da história, tal qual o musgo que cresce sobre as rochas e as transforma em terra, alguém nos devia erguer estátuas, pendurar medalhas ao peito, escrever um livro sobre nós.

Nós?

É claro que eu e o Ari não somos daqui — seja lá de onde for que viemos —, pelo menos originalmente. Mudámo-nos para cá quando tínhamos 12 anos, e depois fomo-nos embora, desaparecemos dez anos depois, após terminarmos a nossa escolaridade obrigatória e trabalharmos nas obras e na salga e conserva de peixe em Keflavík e Sandgerði, três anos a salgar e a secar peixe ao vento, terminámos o ensino secundário, chegámos aqui éramos crianças, fomo-nos embora como outra coisa qualquer. Não somos daqui, mas porque é que o meu coração bate com mais força quando o carro se aproxima de Njarðvík, a vila que parecerá sempre uma banda de abertura para Keflavík, a banda de que nunca ninguém ouviu falar, e que não tem nada de relevante além do centro comunitário de Stapi? Surgiu uma nova área residencial onde outrora existia uma cadeia de colinas que se prolongava em direcção à base militar, na sua maioria composta por moradias unifamiliares, espaçosas, algumas delas erguem-se acima da estrada como vidas que as pessoas se esqueceram de viver. Abaixo das casas há sebes baixas e fiadas de árvores escanzeladas presas com estacas, como se quisessem evitar que fujam. O carro atravessa a linha invisível que separa Njarðvík de Keflavík, o meu coração acelera, esse músculo ridículo, essa bomba misteriosa, a origem da infância eterna, e chego ao Círculo de Londres, a primeira rotunda da vila, sendo a seguinte o Círculo de Nova Iorque. Sinto um certo embaraço perante esta tentativa de se erguer ou escapar à própria história por parte

dos residentes em Keflavík, saio na segunda rotunda e estaciono ao lado de uma das inúmeras carrinhas de comida de Keflavík. Aí, tenho uma boa vista sobre o porto, sobre o seu vazio e o seu desespero, como se um deus o tivesse perdido e depois esquecido de procurar. Três pescadores idosos encontram-se na ponta do cais, de onde conseguem ver melhor o mar, as suas mãos pendem de lado, livres, desocupadas, e observam o único barco de pesca que aportará hoje. Tiro os meus binóculos do carro, levo-os aos olhos, há traços de dor ou ansiedade nos rostos dos pescadores, como se tivessem ido ao cais para verificar se as redes apanharam os anos de vida que perderam outrora.

*Esta tristeza, este coração destroçado,  
estas gaivotas e os Hambúrgueres-Relâmpago do Jonni*

Há quase dois anos, o Ari despediu-se de mim e da Islândia com uma mensagem de texto: «Às vezes, é difícil respirar em comunidades pequenas, o aperto pode ser asfixiante, vou-me embora antes que sufoque.» Um excelente motivo para ir embora. Para se conseguir amar a Islândia, temos por vezes de nos ir embora.

A sensação de aperto causada por uma comunidade pequena pode ser opressiva, e se não se obtiver oxigénio suficiente, pensa-se menos ou em menor escala, a nossa visão do mundo torna-se mais ego-cêntrica e, portanto, mais desprezível. O Ari tem razão, a nossa sociedade sofre de sufoco, embora as montanhas devessem ensinar-nos a pensar, a erguer-nos, como elas, a subir no ar para tocar no céu, chegar aí para procurar oxigénio e novas perspectivas, enquanto nós, por outro lado, nos degradamos entre tufos de erva, capim. Não me interpretem mal, os tufos de erva são importantes, são cães que dormem, os pensamentos do país, o silêncio de que sentimos falta. O capim é a Islândia, diz amiúde o Ari, no entanto, num *email* enviado há uma semana, acrescentou: «As saudades que sinto do capim estão a matar-me. Os Dinamarqueses não têm tufos de capim nem montanhas, algo imperdoável.» Não escreveu nada mais, apenas a data e a hora e um *smile*. Foi a sua maneira de me

dizer que está a caminho da Islândia, porque nunca diria tal coisa directamente. Os antepassados maternos do Ari eram dados ao sentimentalismo, mas, a partir dos 6 anos, ele foi criado por um homem empedernido de Strandir e uma mulher de Leste emocionalmente confusa. Tal combinação nunca poderia dar bom resultado, seria necessariamente amaldiçoada pela tristeza, por inúmeros momentos difíceis, noites inquietas. E assim foi, como será fácil de depreender daquilo que se segue, e de muitas maneiras diferentes. Não há como o evitar, assim que se começa a escrever, há que contar a história toda, é esse o primeiro mandamento, a primeira pedra do edifício. Foi por isso que eu soube que a data e a hora significavam que o Ari vinha para casa, e que ele ia aterrar no aeroporto de Miðnesheiði nesse dia, a essa hora, e respondi-lhe de imediato com uma expressão da nossa juventude, quando o mundo parecia completamente diferente: «Então vamos beber os restos de álcool das lojas livres de impostos. Onde é que vais ficar?» Obtive uma resposta no mínimo inesperada: «No Hotel do Aeroporto, em Keflavík.»

O código secreto do Ari no que concernia ao seu regresso a casa foi talvez óbvio, não seria preciso um especialista para o decifrar, embora as suas palavras de despedida dois anos antes («às vezes, é difícil respirar numa comunidade pequena») não fossem, talvez, tão fáceis de interpretar por outros quanto por mim, porque o seu verdadeiro significado era algo nesta onda: «A tristeza está a conduzir-me a este caminho, está a destroçar-me o coração, a devastá-lo. O que é de uma pessoa com um coração arruinado? Vou-me embora daqui para me salvar.»

A tristeza.

Ou aquilo que surgiu de forma tão abrupta, inesperada, assustadora na sua vida, na vida dela, e na dos seus três filhos. Ou o que pareceu surgir de modo abrupto e inesperado. O braço dele atravessou a mesa da cozinha com um grito e as coisas nunca mais foram as mesmas.

Nunca. É uma palavra difícil.

O Ari viu-se obrigado a afastar-se. Ou foi a vida que o afastou, o dia-a-dia, aquilo que permaneceu por resolver, aquilo que ele evitara ter de enfrentar, juntamente com os pequenos detalhes que

se acumulam sem que demos por eles, pois estamos demasiado preocupados, creio, somos demasiado descuidados, cobardes, talvez sejamos um pouco disto tudo. Primeiro, o seu braço passou sobre a mesa da cozinha como um grito e, um pouco mais tarde, chegou o vazio que o arrependimento – uma flor e um punhal na mesma palavra – preencheu lenta, mas inescapavelmente.

Agora, ele está de volta, com o seu coração destroçado após dois anos na Dinamarca, que, para se ser sincero, nem sempre pode ser considerado um país estrangeiro.

Estou ainda junto do porto de Keflavík, vejo o único barco que realizou uma apanha neste dia aproximar-se, os velhos pescadores enfiaram as mãos nos bolsos, começaram a conversar, e o que julguei ver nos seus rostos desapareceu como um mal-entendido; eles riem-se, muitas gaivotas seguem o barco, conquanto, de certa forma, indiferentes, como se tivessem perdido a fé nas capacidades náuticas e na indústria pesqueira de Keflavík, dão voltas acima do navio como se tão-só se exibissem. Ergo os meus binóculos e olho para as gaivotas, cujas expressões parecem quase de cordeiros, provavelmente é uma estupidez minha, as gaivotas não têm expressões faciais, excepto a expressão que se associa à ganância e ao medo da morte: provavelmente são anarquistas, acrescentaria o Ari. Assusto-me com a buzina de um carro que, de súbito, passa aqui perto; cinco carros, dois jipes, uma grande carrinha de caixa aberta e dois carros familiares aguardam em fila para fazer os seus pedidos na carrinha de cachorros-quentes e hambúrgueres, que tem escrito *Hambúrgueres-Relâmpago do Jonni!* num grande placar de alumínio, brilhante, e abaixo dele, em inglês ou porventura americano, e com letras do mesmo tamanho, está escrito *Jonni's Thunderburgers!* Presumo que seja por um hábito antigo, por efeito de cinquenta anos de proximidade aos militares americanos. Ao olhar para os veículos, dou por mim a levar os binóculos aos olhos. Um dos condutores buzina outra vez, quiçá por mero aborrecimento, talvez para protestar face às suas condições de vida, para se queixar da situação aqui em Suðurnes, do desemprego, da falta de esperança, da quota de pesca inexistente, do desaparecimento dos militares, talvez buzine de impaciência, quer uma fábrica de alumínio em Helgúvík,

ou a central de lixo americana que o presidente da câmara Sigurjón está a tentar construir aqui, buzina de impaciência, pois deseja segurança, felicidade, buzina porque o seu apetite sexual diminuiu ou, pelo contrário, se recusa a diminuir, ou buzina simplesmente porque está ansioso por fazer o seu pedido, sem dúvida que é difícil esperar, com fome, por um dos hambúrgueres-relâmpago do Jonni. A menos que me esteja a buzinar porque estou aqui a olhar para o porto, a olhar para este monumento de uma época melhor, quando o porto tinha uma função, era o coração da vila, quando o porto constituía o propósito da existência da povoação, a confirmação da sua importância, assim como uma ligação indestrutível com a história e a essência do país, e também uma forma de contrabalançar eficazmente a presença dos militares, o impacto que estes tinham nas vidas e comportamento dos residentes de Keflavík. Regresso ao meu carro, sei que as pessoas daqui desconfiam de pessoas sem carros, que estas se revelam muitas vezes comunistas ou bêbados empobrecidos. Olho por cima do ombro, as gaivotas desapareceram, o local onde estavam é agora um céu que escurece, o dia começou a afundar-se no mar que manteve Keflavík e a área em redor vivas, um pré-requisito e um modo de conservação da vida, afunda-se no mar na companhia do sol de Inverno que brilha de vermelho no seu cansaço, afunda-se com as gaivotas, as buzinas dos carros, os hambúrgueres-relâmpago do Jonni, afunda-se no mar generoso, até junto de todos os peixes que aí nadam a salvo das pessoas de Keflavík, cujos navios foram na sua maioria vendidos após a perda da quota, é quase uma vila sem quota de pesca, a justiça e a igualdade há muito que a abandonaram, é o local mais negro em todo o país, olhamos pelas janelas da cozinha ou da sala de estar, murmuramos, pois, então ali está o mar, é assim tão grande?, antes de fecharmos as cortinas, porque ninguém deseja que algo tão vasto lhe recorde dias melhores, dias de uma actividade saudável, quando a vida era fácil, algo que lhes recorde que aceitaram, por meio de silêncio e omissão, a conversão das quotas de peixe em contas bancárias dos açambarcadores da pesca e dos seus descendentes, que aceitaram que o bacalhau boquiaberto e o arenque brilhante se tornassem o seu sangue, que o mar fosse privatizado, fechamos

as cortinas o mais rápido possível, porque é difícil ter um mar cheio de peixe diante dos nossos olhos mas vermo-nos impedidos de pescar, termos uma fábrica de conservas de peixe mas nada que conservar.

Não vejo as gaivotas nem os velhos pescadores, desapareceram juntamente com o dia, afundaram-se quiçá no mar, com o sol, as gaivotas, as buzinas dos carros. Aponto os meus binóculos ao céu, onde, espero, não há sistema de quotas, aponto-os para o ar que escurece, a leste, de onde o avião do Ari chegará. Piloto, voa cuidadosamente e transporta essa carga, essa tristeza, esse coração destroçado.

### *Dez conselhos para parar de chorar*

Vistas de cima, da perspectiva dos deuses, as montanhas não são ameaçadoras nem belíssimas, são, isso sim, meras ervas roxas, e a neve do Inverno transformou-as em rebentos de gelo, em rosas seculares ofertadas ao céu acima da Islândia e ao avião em cujo assento 19A está sentado o Ari, o seu coração destroçado bate com uma intensidade que o envergonha, o seu coração bate assim desde que as nuvens se afastaram subitamente para revelar a Islândia, com as suas rosas seculares, os seus glaciares e a costa negra a sul. O Ari esfrega o peito como se para acalmar o coração, essa pequena criatura que nos pode tratar tão mal, fecha os olhos de modo a re-frear a sensação que dele se apodera, procura conter as recordações frenéticas, os remorsos insuportáveis, o incompreensível. A mulher ao seu lado, baixa e anafada, usa óculos com lentes grossas e já quase terminou o seu segundo pacote de batatas fritas, agarra noutra mão-cheia de batatas e fala sem parar com o homem no assento da coxia, um homem entroncado com lábios largos e mãos fortes, são patas, pás com que esfrega os joelhos. O homem entroncado não disse praticamente nada, grunhiu algumas vezes, não comeu nada, tão-só coçou os joelhos, em certas ocasiões com vigor, como se para se acalmar e suportar estoicamente a conversa fiada da mulher. Matá-la-ia se o voo fosse mais prolongado, o próprio Ari pensou, em parte, fazê-lo enquanto sobrevoavam as ilhas Faroé, dezoito

rochedos verdes no meio do oceano Atlântico. De resto, não prestou atenção aos outros dois, tentou ignorá-los, porém, sentia um cheiro a batatas fritas sempre que a mulher agarrava num punhado delas. O Ari tinha posto os auscultadores nos ouvidos assim que o avião se erguera acima das nuvens e das aves, após queimar combustível na sua luta contra a forte atracção da força da gravidade da Terra, a força que nos mantém a nós à sua superfície e à Lua no seu lugar, uma força invisível que sentimos todos os segundos da nossa vida, quer estejamos a dormir ou acordados, o mesmo acontece com todas as grandes forças neste mundo de extremos e desilusões, beleza e vulgaridade: amor, ciúmes, ódio, inspiração, ganância, ambição, compaixão. São invisíveis, não aparecem nos medidores mais sensíveis e são sempre subestimadas, jamais mencionadas em relatórios ou actas de reuniões. São essas as forças que nos impelem em frente, que nos afastam e nos unem.

*Don't know if I saw you if I would kiss you or kill you*, cantou Bob Dylan quando a plana Dinamarca desapareceu de vista e foi substituída pelo oceano, que nunca está sereno e não tem menos extremos do que os seres humanos. Em seguida, as nuvens taparam-lhe a vista. Por vezes, procuramos a dor. O arrependimento. E lançamo-nos para o interior das nossas feridas. Perdemos a nossa vitalidade e parece-nos cada vez mais difícil existir, como se a vida se tornasse cada vez mais complexa e difícil de enfrentar. De maneira a suportar a existência quotidiana, tomamos tranquilizantes, estimulantes, sedativos. Os anos passam, o nosso objectivo na vida é ambíguo, o nosso entendimento, vago, engordamos, os nossos nervos desgastam-se e tornam-se menos reactivos, acoossa-nos a insatisfação, atormenta-nos um desejo não aplacado. Ansiamos por uma solução, desejamos claridade, mas não temos tempo, não temos forma de o abordar, não temos a energia necessária para a procurar e, ao invés, engolimos, satisfeitos, soluções fáceis, comida de plástico, sexo apressado, tudo aquilo que prometa uma reparação rápida, pois vivemos numa época de pressas. Os livros de autoajuda prometem-nos uma vida melhor, uma existência mais rica, dez conselhos para parar de beber, de engordar, de sentir saudades de alguém, de sentir medo, dez conselhos para viver, raramente

mais de dez, dificilmente conseguimos processar mais de dez, dez conselhos, tal qual os nossos dedos, como os mandamentos divinos. Dez conselhos para viver. Não devia estar a ouvir esta canção, é uma foleirice, pensou ele, acima das nuvens e do oceano, sobre deztoite rochedos verdes, no entanto, ouviu-a de qualquer maneira, quatro vezes, cinco vezes, ia beijá-la ou matá-la quando a visse da próxima vez. Explore a ferida, diz-se no *Dez Conselhos para Curar um Coração Destroçado*, é assim que se ultrapassa o problema. O Ari conhece bem este livro, foi o seu editor no grupo que o publicou na Dinamarca, o livro vendeu 160 mil exemplares nos primeiros cinco meses, há muitos corações destroçados, os jornais aqui na Islândia saltaram de alegria perante esta notícia e, à boa e típica maneira islandesa de exagerar os feitos de um islandês, anunciaram que um *Editor islandês alcança uma grande vitória no mercado editorial dinamarquês!*

Estou dentro da ferida, pensa ele, e sacode discretamente migalhas das batatas fritas da coxa enquanto ouve o desgosto amoroso de Dylan. O mundo é mesmo assim: o jovem Dylan cantava, cheio de fervor, sobre a revolução, os novos tempos, as mudanças, mas agora, décadas depois, canta quase em exclusivo acerca de corações destroçados, arrependimento, sobre a incerteza torturante. Talvez seja mais fácil mudar o mundo do que curar corações destroçados, mais fácil originar novos tempos do que lidar com a solidão.

A vida do Ari deveria, supostamente, ter sido sempre uma viagem entre montanhas, uma estrada até às estrelas, rumo à maturidade, mas aqui está ele, com quase 50 anos e um enorme interesse por religião, música, livros, sabe calcular o volume de uma esfera, tem bons conhecimentos de história e de futebol, sem que, na verdade, saiba o que quer que seja, não se sente em casa em lado nenhum, está desorientado, como se perdido, atormentam-no os remorsos e as saudades dos seus filhos, já crescidos, e da mulher com que viveu mais de vinte anos e, contudo, apesar de sentir a falta deles quase a ponto de não o suportar, não encontrou forças para regressar a casa, como se algo o retivesse e alimentasse as suas saudades avassaladoras. Algo que o retivesse até receber um *email* inesperado de Jakob, o seu pai. Inesperado por conta do seu conteúdo, mas também porque a relação entre eles, que nunca foi

próxima, desapareceu por completo nos dois anos prévios. O *email* consistia em duas frases:

*Bem, meu rapaz, é mesmo assim, está na hora de bater a bota, raios partam o cancro. Está atento, porque vais receber uma encomenda minha. :-)*

O Ari não levou o *email* muito a sério. Não era a primeira vez que o pai escrevia algo semelhante, já antes anunciara que a sua morte estava próxima, e quem é que usa um *smile* no fim de uma comunicação destas, se for mesmo verdadeira? Todavia, ele sabia que se passava alguma coisa, quanto mais não fosse porque, poucas semanas antes, havia recebido uma carta da sua madrastra, ou seja, algo muito mais inesperado, quase tão inesperado como ver uma lua cheia em pleno dia. A carta, que o Ari teve de ler até ao fim, pareceu invulgarmente sincera, e estava acompanhada de um recorte de jornal, um artigo escrito por Sigríður Egilsdóttir – a Sigga –, uma mulher daqui que eu e o Ari conhecíamos muito bem. O Ari começou a ler a carta, contudo, decidiu quase de imediato não pensar nela nem no artigo, decidiu guardar qualquer reflexão para mais tarde, como tantas outras coisas, pô-la de lado e deixar que os dias que decorriam a enterrassem, deixá-las cair no esquecimento. A sua madrastra e o seu pai estavam separados há já muito tempo, pelos vistos ela não o via há mais de um ano, mas ouvira algumas coisas que a haviam deixado preocupada, só para que o Ari estivesse ao corrente. Ele tinha deduzido de imediato «é o álcool, o meu pai anda outra vez na bebedeira, não vou ter com ele por causa disso, nem pensar», e regressou ao seu trabalho, dando os últimos retoques ao *Dez Conselhos para Compreender o Sentido da Vida*. Depois, recebeu o *email*, um facto invulgar, por isso, telefonou ao pai, mas ninguém atendeu. Este pormenor assustou-o, não há como negar, o que significava ninguém atender o telefone? Um minuto depois, recebeu uma mensagem do seu pai no telemóvel: «Está tudo bem, espera pela encomenda.» O embrulho chegou dois dias depois pelo correio, ou seja, pelo correio à moda antiga, que ainda é entregue tão depressa quanto se quiser em cidades e vilas, como uma recordação carinhosa de tempos passados – um pequeno embrulho para o Ari. No interior encontravam-se dois envelopes e, ao abrir um

deles, o Ari deparou-se com uma fotografia dos seus pais, claramente uma fotografia antiga, porque a mãe do Ari morreu há mais de quarenta anos. Ela morreu e transformou-se numa simples ausência. Transformou-se num buraco negro. Transformou-se numa ferida que jamais é mencionada: uma ferida nunca mencionada, nunca tratada, torna-se, com o passar do tempo, uma úlcera profunda e incurável.

Os seus pais estão sentados muito próximos um do outro. Ele tem um braço em redor dela, ela está encostada a ele, estão ambos a sorrir e a olhar para a máquina fotográfica. Por qualquer motivo, o Ari nunca antes tinha observado esta fotografia, ou talvez não se recordasse dela, e este facto surpreendeu-o. No entanto, não se tratou de uma surpresa agradável, foi antes um golpe, um choque. Não podia fazer mais do que contemplar a fotografia, observar esse momento passado. Com apatia. Sentiu-se mal sem perceber porquê. E, então, entendeu: pareciam realmente felizes. Ele não se lembrava de alguma vez terem partilhado um momento de felicidade. A família era ele, o Ari, e a sua mãe. Os dois, e depois Jakob, o pai. As coisas eram assim segundo a sua memória. O seu pai tinha sido outrora tão jovem, tão sorridente, tão carinhoso?

Segunda questão: porque é que ele enviou essa fotografia a Ari naquele preciso momento e, além disso, qual a relação da fotografia com a sua possível morte? Terceira questão: porque é que o Ari só então viu esta fotografia, 44 anos depois da morte da mãe?

O Ari encontrou o embrulho quando chegou a casa após um dia de trabalho na editora, onde se encontrava empregado há mais de um ano sob a direcção de um velho amigo nosso. Havia chegado tarde a casa, perto da hora do jantar, nunca se apressava a regressar ao seu apartamento com dois quartos em Østerbro, porque é que havia de o fazer, afinal, nada o esperava aí além das três cordas do seu instrumento: solidão, arrependimento, saudade. Rasgou o embrulho, abriu um dos envelopes e viu-se virado do avesso, sentou-se e observou a fotografia enquanto escurecia lá fora e as televisões dos vizinhos se acendiam, assim como os candeeiros de leitura. Não pensou em nada, em nada de concreto, não conseguiu, os seus pensamentos e sentimentos rodopiaram descontroladamente, embateram uns nos outros e causaram uma chuva

de faíscas. Sentiu-se aliviado por estar muito longe do seu pai ao fitar a fotografia, aliviado por haver todo um oceano a separá-los. Provavelmente nunca tinham visto fotografias dela juntos, nunca se tinham atrevido a tal, tratava-se de uma ideia que nunca lhes passaria pela cabeça.

Ele tão-só observou a fotografia.

Como se hipnotizado.

Um carro chiou na noite, uma sirene cortou o céu escurecido.

Ao início, quase só olhou para a sua mãe, para o seu sorriso, para os seus olhos, uns grandes olhos azul-acinzentados que brilhavam como se tivessem atraído toda a luz do mundo, o sol e as estrelas, o luar e as auroras, olhos desaparecidos há muito tempo, que se tinham apagado, sido extintos, que não existiam, não mais do que ela, do que os seus pensamentos, expressões faciais, aquele seu piscar de olho malicioso, o seu abraço, como pode algo tão grande desaparecer sem que o mundo se desmorone, sem que a Terra saia do seu eixo e deixe de exercer influência sobre a Lua? O Ari conseguiu esquecer, ou varrer da cabeça, o facto de o seu pai também se encontrar na fotografia até uma sirene de ambulância, semelhante a um grito de desespero, rasgar a noite e lhe destruir o encadeamento de ideias, e então viu o seu pai, recordou-se dele. O Ari percebeu que os seus pais estavam felizes, porventura por estarem juntos, ouviu a ambulância desaparecer ao longe e sentiu os ciúmes desdenhosos que sentia do seu pai acumularem-se e transformarem o mundo em seu redor. Fitou o seu pai e sentiu apenas ódio. Um ódio puro e cristalino. Olhou-o nos olhos e pensou: *Espero que morras*. O seu vizinho de baixo riu-se.

Era como se, por meio daquela fotografia, o pai do Ari lhe tivesse roubado a mãe. Como se lhe houvesse enviado a fotografia para lhe dizer: «Olha, fomos felizes, olha como ela está encostada ao meu ombro, como está a sorrir, como vês, só precisávamos um do outro, e em breve vou morrer e reencontrar-me com ela, só nós os dois, ela e eu. Olha, não estás na fotografia, não comungas desta felicidade. Estás de fora, excluído. Ela é minha.»

O Ari levantou-se e bebeu meia garrafa de uísque.

*Ótimo*, pensou ele. E bebeu-o.

No dia seguinte, não apareceu no trabalho, mas tudo bem, o livro *Dez Conselhos para Compreender o Sentido da Vida* já estava na gráfica, ele merecia uma folga. Acordou de ressaca. Olhou para a fotografia enquanto comia o pequeno-almoço, sentiu-se muito melhor, o ódio desaparecera, restava tão-só a vergonha, e talvez um pouco de ciúmes, ou talvez bastantes ciúmes, na verdade, estavam algures no seu interior, não tinha como os evitar. No entanto, conseguiu, por fim, alegrar-se com a felicidade deles, pois sabia que passariam por maus momentos: o dia-a-dia da vida a dois, as desilusões, o álcool, a imprevisibilidade, e depois a doença da mãe, a mensagem obscura da morte.

Só depois de tomar a primeira chávena de café da manhã é que o Ari se lembrou de que havia outro envelope no embrulho, depressa o rasgou e praguejou e, surpreso, retirou do seu interior um certificado de honra emoldurado e atribuído ao seu avô Oddur. Era um documento amarelo-pálido e escrito com uma caligrafia trabalhada, com uma moldura dourada: o certificado estivera sempre pendurado num lugar de destaque na sala de estar da casa, inicialmente na área de Safamýri, em Reiquiavique, e depois nos três locais onde o seu pai vivera em Keflavík, tratava-se de um documento que reconhecia o valor de Oddur Jónsson, armador e capitão marítimo. Estava sempre pendurado no seu lugar de destaque, era a primeira coisa que os visitantes viam, o vidro bem polido. No entanto, nunca se falava nele, excepto quando o seu pai estava embriagado, após passar muito tempo na sala de estar, a sós e a beber, enquanto ouvia Megas e Johnny Cash. Chamava o Ari, convidava-o, numa voz carinhosa, mas arrastada de bêbado, a sentar-se, punha os óculos e lia-lhe o texto. A voz tremia-lhe amiúde, como se sofresse a nível emocional, e o Ari olhava para o chão. Aquele documento era a única coisa que Jakob guardava do seu pai e seria decerto a primeira coisa que salvaria se a casa comesse a arder. Contudo, enviara-o agora por correio para o Ari, que residia na Dinamarca. Sem lhe dar uma explicação. «Prepara-te para receber um embrulho.»

O Ari olhou para o certificado, depois para a foto, e novamente para o certificado, bebeu café, chávena após chávena. Lá fora, a grande cidade explodia de som, ligou-se à Internet, marcou um voo de re-

gresso a casa, só de ida, pegou no telemóvel, telefonou ao nosso amigo editor, disse-lhe que ia regressar de vez à Islândia, a casa, repetiu a difícil palavra *casa*, realçou-a. Depois, emalou os seus pertences, e está agora num avião, bem acima do oceano e das nuvens. Ele retira o seu saco de debaixo do assento, pega no certificado, olha para o texto, que sabe de cor, sabe-o desde a infância, e diz para consigo:

*EM RECONHECIMENTO DE ODDUR JÓNSSON, ARMADOR E CAPITÃO MARÍTIMO.  
NESTA NOSSA PRIMEIRA CELEBRAÇÃO OFICIAL...*

Nesse momento, a mulher ao seu lado enfia a mão no pacote de batatas fritas meio vazio, o odor a fritos espalha-se pelo ar, o Ari olha pela janela, vê as nuvens afastarem-se, o avião começou a descer, abandonou as altitudes, afastou-se do átrio do paraíso e a Islândia surge com as suas antigas rosas. O Ari pára de ler, fecha os olhos e já não está sentado num avião, mas num autocarro verde, quase quarenta anos antes, um autocarro que se move lentamente para oeste, que deixa uma comprida nuvem de pó atrás de si, muito antes de as estradas serem alcatroadas, avança aos poucos, as mudanças chamam com regularidade enquanto o autocarro sobe com dificuldade as colinas, o motorista com dentes cerrados, como se fosse ele próprio quem se esforçasse, um cigarro meio morto entre os lábios, e então a montanha de Baula ergue-se à direita, o mirante dos anjos, de onde se tem uma visão sobre a região Oeste da Islândia, onde se medem os níveis de alegria e os risos e a morte e relatam as notícias ao paraíso. Eu e o Ari estamos sentados quase à frente do autocarro, há quatro horas que nos debatemos com o enjoo da viagem, os nossos olhos embriagaram-se de nascentes, campos coloridos e prados de erva seca, mas quando o autocarro finalmente desce a colina de Brattabrekka como uma exuberância verde, uma exclamação verde, e as quintas abaixo de nós surgem à nossa vista, com o monte Bátsfell no meio, os nossos corações batem com tamanha ansiedade que os olhos nos tremem.

E é assim que tremem agora, quando ele os reabre no assento 19A, junto à janela, e as rosas antigas, os glaciares brancos e a costa negra sempre em movimento surgem à vista, ele abre os olhos e é

como se o coração se lhe despedaçasse no peito, esforça-se por respirar, a emoção é mais forte do que ele, deixa cair o certificado ao chão, procura o livro no assento à sua frente para logo o voltar a guardar no mesmo sítio, carrega no botão de chamada e tem de pedir desculpa, pestaneja, olha pela janela, embora mal consiga ver alguma coisa, tem a visão encoberta por lágrimas salgadas. Quando recupera mais ou menos a compostura, a mulher inclina-se para pegar no certificado e entregar-lho, toca nas costas da mão do Ari ao fazê-lo, tem os dedos gordurosos por conta das batatas fritas, e diz em voz baixa, em inglês, que aqueles que não sentem dor nem emoção na sua vida têm corações frios e nunca viveram – por isso, deve estar grato pelas suas lágrimas.

*Honra e glória*

*Em honra de Oddur Jónsson,  
armador e capitão marítimo*

Na nossa primeira celebração oficial do Dia do Marinheiro em Neskaupstaður, temos o prazer de lhe demonstrar as nossas admiração e gratidão pelos trinta anos de trabalho obstinado e empreendedorismo na indústria pesqueira do nosso fiorde. Nesta ocasião festiva, une-nos o desejo de que o estandarte que ergueu e carregou com tamanho vigor possa inspirar para sempre os trabalhadores na nossa indústria a alcançar grandes feitos que jamais desaparecerão da memória colectiva, pois o senhor é a honra e a glória do Norðfjörður e dos seus residentes e, na verdade, de todos os pescadores da Islândia.

NESKAUPSTAÐUR, 7 DE JUNHO DE 1944  
COOPERATIVA DE PESCADORES DE NESKAUPSTAÐUR

# *Norðfjörður*

— PASSADO —

O Norðfjörður é um fiorde curto, quase tão curto quanto uma hesitação, rodeado por montanhas com pouco mais de mil metros de altura, algumas têm cumes afiados e desfiladeiros com a forma de gritos. No passado, ninguém lá chegava no Inverno por conta da neve e das tempestades, à excepção da morte e de, ocasionalmente, um carteiro exausto. O vale no interior do fiorde é comprido e encantador, tão verde quanto o paraíso no Verão, os seus riachos murmuram, as moscas zumbem, as aves da charneca cantam e chama-se Snædalur<sup>1</sup>, o seu nome deve-se ao facto de se acumular aí tanta neve a ponto de casas e vidas desaparecerem sem deixar qualquer rasto. O fiorde propriamente dito é tão curto quanto uma hesitação, tal qual uma coisa que mal começou e logo acabou, e abraça-o a imensidão da Nípa, a montanha que detém tempestades e serena o mundo, e as noites podem ser tão silenciosas e tranquilas, que o fiorde se enche de anjos, e o ar reverbera com o esvoaçar gentil das asas angelicais. Nesses momentos, é como se a morte se tivesse detido para todo o sempre.

O Norðfjörður é um dos três fiordes que recortam a costa na baía de Norðfjörður, e no passado nada indicava que surgiria aqui uma aldeia, muito menos uma cidade com 15 mil habitantes. A cidade situa-se num local rochoso com terra solta, cortado em grande medida pelas nascentes de água da montanha, e no Inverno há algumas avalanchas que soterram as casas construídas nos sítios errados, talvez demasiado alto nos flancos da montanha, com a sua morte branca. Próximo do fim do século XIX, a localidade tinha cerca de trinta casas que abrigavam pouco menos de cem pessoas que viviam da pesca, de algumas ovelhas, porventura de uma vaca, e de um comerciante que antecipava uma vida de dificuldades. Em 1898, o grande cientista natural Bjarni Sæmundsson fez pesquisas sobre a pesca nos fiordes de Leste a mando do governador dinamarquês

1 «Vale da Neve». [N. T.]

e redigiu um relatório detalhado que publicou, no ano seguinte, no jornal *Andvari*. No seu relatório afirma que as condições para a pesca no Norðfjörður eram altamente favoráveis, «por causa do seu curto comprimento, que torna desnecessário remar grandes distâncias para obter uma boa apanha, a menos que o destino seja o mar alto, e também porque está bem abrigado do mar revolto e é rico em peixe, graças ao promontório de Horn, que se prolonga para norte».

Após a publicação deste relatório, a povoação cresceu rapidamente em população e dimensões, e poucos anos depois tornara-se já uma vila com uma indústria pesqueira importante. A história da vila de Nes, e mais tarde da cidade de Neskaupstaður, o destino das pessoas que aí viveram e morreram, os seus beijos e insultos, os seus abraços e lágrimas de dor e, ao mesmo tempo, toda a história do Ari devem a sua existência a quatro linhas escritas pelo naturalista Bjarni e publicadas no jornal *Andvari*. A vida nasce das palavras, mas a morte habita no silêncio. É por isso que temos de continuar a escrever, a narrar, a murmurar poemas e maldições, e, por conseguinte, de manter, por algum tempo, a morte afastada.

*Começou com uma noite tempestuosa e com a morte –  
e, depois, ela vai ter com ele*

Oddur cresceu na costa da vila de Nes, entre montanhas antigas e desfiladeiros com a forma de ameaças. Tal como a maioria das casas na vila, a residência dos seus pais ficava pertíssimo da orla marítima, separava-as apenas um caminho estreito e, abaixo dele, os barracões onde os pescadores guardavam o seu equipamento e, por vezes, peixe salgado. Os barracões estavam tão próximos do mar que, com mau tempo e sob uma luz enevoadada, pareciam transformar-se em barcos. Oddur cresceu na costa da aldeia de Nes, mas nasceu em Vinavík, a pouca distância a sul e cujo nome surgiu por conta de uma mulher que, no início do século IX viu dois amigos, ambos apaixonados por ela, lutarem até à morte na praia arenosa, ambos destroçados pelo álcool, pelos ciúmes e pelo veneno que deles escorre incessantemente. Escolheu o nome Vinavík por sentir

culpa, por ter, pela sua mera existência, levado à morte dos dois homens, ou apenas para afastar o azar. Os antepassados de Oddur viviam há muitas gerações em Vinavík, que está exposta ao mar e indefesa perante a fúria dos elementos, mas que dista pouco de águas generosas em peixe, além de ter uma praia de areia encantadora e acolhedora, em forma de ferradura, um pouco como um bonito suspiro do mar. A sua mãe, Ingiríður, era de Norðfjörður e a sua infância não lhe deu sossego até conseguir convencer o seu marido, Jón, a mudarem-se e a instalarem-se longe da baía onde viviam os seus antepassados. Levaram com eles bastante madeira com o intuito de construir uma casa, retiraram-na de um navio inglês que encalhara num banco rochoso perto da costa durante uma tempestade, somente dois dos tripulantes sobreviveram e chegaram, com enorme dificuldade, a uma quinta na ponta do Reyðarfjörður, abriram caminho por entre neve, frio, um vento gelado, sem fazerem ideia de onde estavam, para onde se dirigiam, foram impelidos pelo vento, que determinou o seu percurso, chegaram no último momento à quinta. Feridos, fustigados pelo mau tempo, permaneceram aí durante algumas semanas enquanto recuperavam a maioria das suas forças, o suficiente para os pôr a bordo de outro navio inglês, embora se descobrisse, algum tempo depois, que um deles tinha engravidado uma rapariga da ordenha, solteira, uma mulher com trinta e tal anos que tivera uma vida dura, uma daquelas pessoas com quem o destino parece estar contra, mas que por fim, por meio das suas relações com o inglês, conheceu a felicidade efêmera do sexo e deu à luz, nove meses depois, um rapaz saudável. O rapaz acabou por se demonstrar um indivíduo estimável, o orgulho da sua mãe. Isso significa que os companheiros do homem tiveram de morrer afogados para que se originasse uma nova vida, para que a infeliz mulher conhecesse a felicidade, é assim que o destino funciona?

O navio permanecera, surpreendentemente, intacto no meio dos rochedos. A tempestade podia ter afogado quase vinte marinheiros, mas não conseguira arruinar o navio, que estava preso nos rochedos, que lhe haviam aberto um enorme buraco na quilha, e na maré vazante seguinte, Jón conseguiu começar a recolher, com toda a calma,

a sua madeira, fez várias pausas, e começou a empilhá-la junto à antiga casa de turfa em Vinavík, pois resolvera usar a madeira para construir uma casa nova. O que efectivamente fez, não na baía dos seus antepassados, como planeara, mas a norte, no Norðfjörður. O seu cunhado uniu-se à irmã e, juntos, convenceram Jón de que teriam mais oportunidades em Norðfjörður e agora, de modo inesperado, encontrara a madeira necessária para construir uma casa num terreno que lhe foi oferecido pelo cunhado. Jón aceitou, ofereceu pouca resistência, talvez por não se ver livre, na totalidade, de superstições e por algo lhe ter dito que o navio inglês encalhado era uma mensagem do destino, um sinal de que agora tudo mudaria e começaria um novo capítulo. Foi, portanto, este naufrágio e o afogamento de todos aqueles marinheiros que levaram a roda do destino a dar uma volta, e a roda continua a mexer-se quando a mulher no avião entrega ao Ari o certificado de reconhecimento, honra e glória um século depois. Uma noite tempestuosa e a morte constituem, então, o início, a causa, a razão para lhes contarmos esta história. Os marinheiros ingleses tiveram de encontrar uma tempestade longe de casa, tiveram de encalhar num banco rochoso que lhes rasgou a quilha do navio, tornando mais fácil ao mar levá-los consigo, um após outro, «estava tão escuro que não consegui vê-los», disse o marinheiro à mulher solteira, sussurrou-lhe no escuro enquanto todos estavam a dormir, torceu-se de dores por causa dos seus ferimentos e das suas recordações, ela foi ter com ele com a sua infelicidade, convencida da sua fealdade mas dona de boas mãos, de mãos com capacidade para curar, e ele contou-lhe tudo. Ela, claro, pouco percebeu, pois sabia apenas algumas palavras em inglês, no entanto, compreendeu as suas lágrimas, a melancolia na voz dele. Mais tarde, ela ficou com a sensação de que ele lhe falara sobre o naufrágio: no escuro, não os vi, mas ouvi-os. Na escuridão, transformaram-se num grito que o mar engoliu.

Contudo, era madeira de qualidade.

Jón preferiu transportá-la por terra, embora levasse muito mais tempo a transpor os desfiladeiros montanhosos, a percorrer os caminhos íngremes e pedregosos, mas dizia-se, e Jón acreditava em tudo o que os antigos diziam, que a madeira dos navios naufragados

ou de destroços de navios cujas tripulações se tinham afogado não deviam regressar ao mar e não podia, de maneira nenhuma, ser usada para construir embarcações, porque tal coisa traria mau agoiro, todos os navios construídos com madeira dessa estariam condenados, à primeira oportunidade os marinheiros afogados arrastá-lo-iam para o fundo do mar. Era por isso que estava fora de questão transportar a madeira sobre a água. Algo que, no fim, Jón acabou por fazer, ao ceder, como tantas vezes antes, à vontade da sua mulher. Fez várias viagens para transportar a madeira para norte. Carregaram o barco com o máximo de madeira que achavam que este podia suportar e lançaram-se ao mar quando havia poucas perspectivas de surgir uma tempestade, ela ao leme, ele aterrizado, receava o azar e as maldições, temia que o mar exigisse o que lhe era devido, por isso, limitou-se a ficar sentado, hirto, completamente inútil, até se aproximarem da aldeia pouco povoada de Nes, quando ele se libertou do seu medo e tomou o leme nas mãos. Poucos homens neste nosso mundo ousam admitir os seus medos. A casa foi construída – uma bela casa, sólida – poucos metros acima da costa. A janela do quarto de Oddur e dos seus dois irmãos estava voltada para o mar, e todas as noites ele adormecia ao som das ondas que embatiam incessantemente na costa e, todas as manhãs, acordava com a mesma música. O mar falava com ele, compunha as suas canções de embalar à noitinha, para o fazer adormecer, acordava-o com o seu tartamudeio alegre de manhã, é mais fácil ser-se feliz quando se vive junto ao mar. Oddur referia-se sempre ao mar como se fosse seu amigo e alma gémea, construiu o seu primeiro barco quando tinha 4 anos, tinha 16 centímetros, pediu à sua mãe que esculpisse um homenzinho, prendeu-o ao mastro, com um prego, e lançou o navio do seu cais. És um marinheiro nato, dizia-lhe amiúde a mãe, como se lhe estivesse a dar uma medalha. Não foi de admirar que ele e o seu amigo de infância, Tryggvi, que vivia ali perto, um rapaz enérgico e alegre, mas sonhador, fizessem planos para abrir a sua própria companhia de pesca. Quando tinham apenas 10 anos, pediram emprestado um barco a remos e pediram autorização para navegar perto da costa – não se afastem mais, disseram os adultos, eram ordens claras. No entanto,

as palavras humanas rapidamente desaparecem no mar e as ordens dos pais perdem a sua autoridade quando se está num barco, a navegar sobre as ondas. Depressa ignoraram a proibição, as ordens, o mar chamava por eles, atraía-os, e eles remaram para mais longe, onde a pescaria era melhor, depararam-se com ondas que provinham das profundezas, viram como as ondas se escureciam repentinamente, viram nelas algo semelhante à morte e assustaram-se, no entanto, continuaram a afastar-se cada vez mais, não podiam evitá-lo, estavam enfeitiçados. A sua ousadia aumentou proporcionalmente à sua experiência e, no Verão seguinte, consideraram-se marinheiros já batidos. Todavia, nesse Outono, remaram para tão longe que sentiram um choque ao ver o quão longe estavam de terra, sentiram-se quase como se a terra os tivesse rejeitado, enquanto a toda a sua volta as ondas escureciam, aumentavam. Parecia improvável que alguma vez regressassem a terra. Entreolharam-se como se para se despedir, como se a vida tivesse terminado, e quando ainda mal começara. Durante muito tempo, permaneceram como que colados aos seus lugares, tão-só olhavam em seu redor, com nós nas gargantas, o medo golpeava-lhes o coração como facas, quiseram ambos desistir e chorar, chorar por nunca mais verem de novo os seus pais ou irmãos, por terem apenas 11 anos de idade, por a vida ser capaz de demonstrar tamanha crueldade, e Tryggvi foi-se abaixo, chorou, ou melhor, choramingou, pois foi mais fraco do que o seu amigo ou tinha uma maior capacidade de sentir remorsos, sentia-os com maior intensidade, antes de Oddur dizer, e ao tentar fazer com que a sua voz parecesse mais profunda do que realmente era «vamos remar de volta a terra». E eles assim fizeram. Conseguiram remar todo o caminho de regresso, quase até ao esgotamento, arrastaram-se até à costa, desejavam ardentemente ir logo para casa, beber chocolate quente, enfiar-se na cama, receber um abraço, mas isso estava fora de questão, tinham feito uma boa apanha e começaram de imediato a estripar os peixes, e em breve começaram a assobiar como se nada de invulgar tivesse acontecido. As pernas podiam tremer-lhes um pouco, mas limpavam os peixes que apanharam e Margrét, irmã de Tryggvi, foi até à praia e ajudou-os, como habitualmente, era um ano mais velha do que eles e muito hábil com a faca, de tal forma

que Oddur mal conseguiu desviar os olhos dela, como se nunca antes a tivesse visto, como se nunca se tivesse apercebido da sua desenvoltura ou reflectido sobre o seu comportamento, em como ela erguia a cabeça de vez em quando e, por qualquer motivo, começou a pensar em asas. Tinham limpado peixe juntos durante dois Verões, era agora Outono e, contudo, só então a viu de verdade. Pode ter sido pela sua experiência no mar, da morte nas ondas, da cor do fim que o mudou, a sua experiência recém-adquirida fizera dele um homem, foi por isso que só então viu Margrét pela primeira vez? Teve tanta dificuldade em desviar os olhos dela, que se distraiu e se cortou no braço esquerdo, perdendo sangue. Foi um corte profundo. Ao início, o sangue manchou a faca, e, em seguida, o peixe que estava a amanhar. Oddur pousou a faca e viu o sangue escorrer por um curto período, talvez tenha pensado que era aquele o seu aspecto no interior, mas então olhou para Margrét. Olharam nos olhos um do outro, o sangue correu, era Setembro, as montanhas recortadas tinham ficado brancas durante a noite, embora a neve fosse tão pouca que não conseguiu arredondar os cumes afiados, as pontas negras. Vocês os dois podem acabar de amanhar o peixe, acabou por dizer Oddur, tenho de ir ter com a minha mãe a casa, acrescentou ele, antes de se afastar lentamente, com compostura mas irritado por ter falado na sua mãe, tal afirmação não tinha dignidade nenhuma, enquanto o sangue lhe continuou a escorrer pelo braço, embora isso já fosse algo que exibir. Margrét viu-o desaparecer de vista e depois pegou num peixe, endireitou-se, olhou para o seu irmão e disse que ele ia ser o marido dela. Mas nós só temos 11 anos, disse Tryggvi, zangado, como se para lhe recordar que, apesar de tudo, eram apenas crianças. Talvez seja assim, disse ela, mas tenho quase 12 anos, algo para o qual Tryggvi não encontrou resposta, como é óbvio, e ele voltou a amanhar peixe, mas dessa feita com uma certa tristeza, como se tivessem acabado de lhe roubar a infância.

Na Primavera seguinte, enviaram-na para o Canadá.

A sua tia, irmã da mãe, que se mudara para o Canadá 15 anos antes, morrera e deixara o marido e quatro crianças pequenas, a mais velha delas com 7 anos, e enviaram à pressa Margrét para lá, de

maneira a cuidar deles, tendo ela 12 anos; ela regressou só 8 anos depois. Viajou para leste a bordo do navio que percorre a costa a partir de Reiquiavique. A sua família recebeu-a na praia, com Oddur a uma curtíssima distância. Não trocaram cartas, nem sequer despedidas, conquanto Tryggvi o tenha mencionado nas suas muitas cartas, como se de modo inadvertido, como referências secundárias, e se tivesse sentido muito importante ao entregar-lhe relatórios sobre Oddur, na maioria das vezes quando estavam no mar, ao início só os dois num barquinho, mas isto mudou quando tinham 17 anos e Oddur passou a comandar um navio de 14 toneladas, tornando-se assim o capitão mais novo nos fiordes de Leste. Tryggvi transmitia-lhe notícias de Margrét, amiúde como se falasse para consigo, para o ar, e Oddur nunca lhe perguntou nada, nunca disse nada, nem sequer «*ái sim?*», como se não tivesse nenhum interesse no assunto. No entanto, ali está ele, na praia, a uma curtíssima distância da família dela, que ela cumprimenta com uma imensa alegria maculada de tristeza porque se passou muito tempo, muitas coisas mudaram, ela vê como os seus pais envelheceram, e apercebe-se de imediato, como se em sofrimento, que os irá perder. Vira-se para fitar Oddur, como se por acaso, aquele é o Oddur?, pergunta ela como se distraída, e só Tryggvi repara que os músculos minúsculos em redor dos olhos dela estremecem ligeiramente. É ele, disse Tryggvi, devias dizer-lhe olá. Ela sorriu-lhe. Ela tem uma boca bastante pequena, um sorriso invulgar, radiante, mas sensual, inocente, mas provocador, e com um vestígio quase indetectável de tristeza ou melancolia. Aquele sorriso ficou guardado nos corações de muitos jovens a oeste, no Canadá, gravou-se bem no interior deles, e transformou-se em saudades que, alguns deles, sentiram durante o resto das suas vidas. Ela aproxima-se de Oddur, com o seu sorriso e um vestido estrangeiro, o seu cabelo castanho-claro penteado para trás como se para realçar a sua fronte alta e delicada, ela abeira-se dele, ele aguarda-a e vê-se obrigado a cerrar os punhos. Ela apercebe-se deste gesto e sente um fogo dentro de si, o seu calor espraia-se sobre ela e alcança-lhe os olhos. Então, Oddur tem de cerrar ainda mais os punhos, sente-se desesperado, incapacitado, derrotado, cerra os dois punhos, é essa a sua declaração de amor, ela sabe que este gesto é o seu poema de amor, o poema que lhe dedica.

*Uma curta divagação sobre a força que destrói a vida  
e torna os desertos habitáveis*

É esta a força que mantém os planetas nos seus sítios, que leva o universo a expandir-se e à formação de buracos negros. Quando esta força se faz sentir, a vontade humana praticamente nada pode contra ela. Esta força rouba-nos a capacidade de pensar, a nossa racionalidade, tira-nos a integridade, a cautela, a dignidade, mas, no fim, se formos afortunados, concede-nos uma alegria estonteante, uma esperança indescritível, inclusive felicidade. Na sua presença, todas as horas parecem transformar-se em poesia, num concerto acalorado. É a resposta de Deus à morte, quando Deus não conseguiu salvar a humanidade da escuridão da morte, concedeu-lhe, ao invés, esta luz peculiar, esta chama que, desde então, aquece as mãos das pessoas e as incendeia por completo, que transforma bairros de lata em escadas de acesso ao paraíso, palácios em ruínas desoladas, alegria em solidão. Chamamos-lhe amor, é a única palavra que nos ocorreu.

Desde então, a história de toda a humanidade tem, de forma velada ou notória, girado em volta de o encontrar, de se regozijar nele, de o odiar, de sentir a sua falta, dele fugir, o que, contudo, não vale a pena, é a fuga que nos torna amargos, desesperados, que nos transforma em bêbados empedernidos, em eternos fugitivos, suicidas. A resposta de Deus à morte. A chama que aquece mãos, que transforma a vida em cinzas, um dom atribuído ao mundo em épocas passadas. Delicado e insolente. Nunca nos pede a nossa morada, o sítio do mundo onde nos encontramos, não pede justiça nem injustiça, não se interessa pelo nosso cargo, por respeito, vitórias ou humilhações, para o amor são todas a mesma coisa, não tem consideração por ninguém, não se está a salvo em lado nenhum, é-se vulnerável, nada nos protege, nem o senso-comum nem a religião nem a filosofia dos últimos três séculos, nem sequer anos de experiência, ou as paredes maciças de um bunker nuclear ou o esquecimento obtido por meio do alcoolismo, ninguém está imune, entra tão facilmente numa rapariga de 16 anos com um coração que bate como o de um cervo quanto num homem de 90 anos com um coração semelhante ao de um rinoceronte velho. É um

meteorito, uma corda de violoncelo, transforma o melhor no pior, o pior no melhor, nem sequer nos pergunta se somos casados, se somos felizes, se temos uma vida bonita e equilibrada, invejável, pode abrir caminho até nós como um javali, um bruto, é um raio solar que destrói a nossa vida, que torna desertos habitáveis.

*É meia-noite, o castelo de proa está aberto,  
e alguém entra nele*

Os punhos cerrados de Oddur foram o seu poema de amor, a sua ode com sentimento, a prova de que ali, na praia, era impotente, que todas as suas afamadas obstinação e força, vontade e personalidade – apesar da sua juventude – de pouco lhe valiam, talvez não lhe servissem para nada. Margrét percebeu tudo isso. Cumprimentaram-se com calma, trocaram algumas palavras, regressaste, sim, regressei, como foi o Canadá, é grandioso e muito afastado do mar, e sabes falar americano, sim, mas senti saudades do mar, compreendo, então tornaste-te capitão, sim, tornei-me, e também dono de um barco, não?, bem, sou dono de algumas das tábuas de madeira do barco, que espécie de barco é, pergunta ela, embora já o saiba. Tryggvi descreveu-o com minúcia nas suas cartas, foi o primeiro tripulante contratado por Oddur, é um barco com cobertura, chama-se *Sleipnir SU 382*, com 14,37 toneladas, mastro duplo e uma cabina de piloto. Um barco bom, responde Oddur. Ficam calados por alguns segundos, ela sabe que a sua família a espera, que a está a observar, é Primavera, época do ano que enche as pessoas de ansiedade, época de luz crescente, quando a terra revive e se torna tão fértil de vida que as pessoas a sentem quando dormem, na confusão do dia-a-dia, é a irresistível força impudica da vida. Faz-se sentir uma brisa ligeira vinda do mar, paira no ar um odor a natureza selvagem, eles calam-se. Por fim, ele diz, ao esforçar-se por fazer com que a sua voz soe normal, como se aquilo que está prestes a dizer não tivesse importância, o barco está atracado no cais de Konráð. Pois está, diz ela, e dirige-se à sua família sem se despedir, vai calmamente para casa, como tudo mudou, diz ela ao percorrer a casa, a pequena casa de madeira, sem se aperceber de que só ela mudou. O dia passa. Ele desaparece atrás

das montanhas e a noitinha chega com um leve vestígio de escuridão, pouco mais do que uma suspeita, o ar parece no máximo apenas um pouco mais escuro acima das montanhas, em direcção à ponta do vale de Snædalur. Anoitece e ela está ansiosa por adormecer na sua antiga cama, que espera por ela como um velho e fiel amigo, mal posso esperar por dormir nela, diz ela, antes de desejar boa noite a todos, boa noite e dorme bem sem que te aflijam os espíritos malignos, é assim que nesta casa as pessoas se desejam sempre boa noite, devia-se procurar sempre formas de tornar o mundo um local melhor. Ela deita-se na cama, suspira, regressou finalmente a casa, no entanto, assim que acontenta o facto de todos os outros estarem a dormir, levanta-se, veste outra vez o seu vestido americano, demora algum tempo a pentear-se – e sai. Sob o brilho da Primavera, é agora meia-noite. Silêncio, e a quietude torna o mundo mais profundo. Ela passa por casas que dormem, vidas que dormem, chega ao cais de Konráð, acerca-se do barco, o *Sleipnir SU 382*, de 14,37 toneladas, a escotilha do castelo de proa está aberta, ela desce a escada, nunca vi um vestido assim, diz ele. Eu sei. Nem um penteado assim. Eu sei, é a moda a ocidente. Eles hesitam, permanecem em silêncio, ela baixa os olhos mas ele não controla os seus, são uma vergonha, não lhe obedecem, são atraídos para ela, e há que dizer as coisas como elas são, ela é mais bonita do que tudo aquilo que ele já viu ou pensou, ele não consegue pensar em nada, naquele momento, que se lhe compare, e devia provavelmente fazer alguma coisa em relação a isso, exibira sua masculinidade, a sua virilidade, contudo, não faz nada, como se se debatesse com algo maior do que ele, é insuportável, cerra novamente os punhos, entrega, sem se aperceber, o seu poema de amor. Ela vê-o, e diz: Se soltar o cabelo, vais perceber que estou nua debaixo do vestido e, então, saberás que te amo. Ele consegue acenar com a cabeça. Espera sem mexer um músculo. Então, ela solta o cabelo.

*Agora, a vida pode começar, pode seguir  
com toda a sua bagagem*

Pergunta: O que é mais rápido do que a velocidade da luz?

Resposta: O tempo.

Atravessa-nos e assobia como uma flecha. Primeiro, a ponta aguçada rasga a carne, os órgãos e os ossos, isso é a vida, e pouco depois seguem-se as penas, isso é a morte.

Mais rápido do que a velocidade da luz. Está a chover e passaram-se dez anos. Pestaneja-se e está-se mais velho, a escuridão da morte paira sobre as montanhas. O tempo passa com tamanha celeridade, no entanto, por vezes tão lentamente que quase sufocamos. Somos ao mesmo tempo a tartaruga e a lebre, chegamos em primeiro e em último lugar, é impossível perceber o que quer que seja. Assim, dizemos simplesmente: Ela despiu o vestido.

Retirou-o. Pelo menos, foi assim que Oddur o recordou, o herói marítimo, o dono de barcos, a honra e glória dos pescadores da Islândia. Ela retirou o vestido e ficou completamente nua, jamais encontraria uma nudez mais completa do que aquela com que se deparou, os seus peitos eram um pouco pequenos, mas muito voluptuosos, tanto quanto ele conseguia dizer, como dois suspiros, dois beijos, brilhavam, brancos, e seriam bem capazes de parar guerras mundiais, de mudar o curso da história — pararam-lhe o coração, mudaram-lhe o ritmo, o coração imobilizou-se por alguns segundos, tornou-se um planeta silencioso no seu peito. Todavia, ele recuperou o fôlego e deu um passo em direcção a ela, pousou uma mão, grande e cheia de calos, com todo o cuidado sobre o seu peito, sentiu o mamilo na palma, ela suspirou, e tudo pode começar. Começou. Seis horas depois, começou um novo dia, uma manhã fria, silenciosa e parada, e as montanhas foram cânticos, apesar de as suas bordas afiadas, facas negras que cortam o ar a mil metros de altura, ameaçarem o céu, ameaçarem o voo dos anjos, até elas eram algo de magnífico que se erguia rumo ao paraíso. Estavam no convés do *Sleipnir*, que fedia a peixe, e a navegação marítima, após uma noite quase sem dormir, o cabelo comprido dela enrolado como se a própria felicidade o tivesse penteado, abraçados um ao outro, satisfeitos mas ainda assim esfomeados, ansiosos por mais carne, com o cheiro um do outro e a querer mais, respirações, ombros, joelhos, peitos, pénis, nádegas, dedos dos pés, fluidos corporais, sémen, no entanto, permaneceram imóveis, tão novos que era como se o tempo não lhes pudesse tocar. A noite passara e mal tinham proferido uma palavra,

mal tinham dito uma frase desde que ela dissera o que tinha dito sobre a nudez, o cabelo, amo-te, praticamente não tinham falado, além de, de vez em quando, sussurrarem o nome um do outro e, por vezes, chorarem, sim, até ele, Oddur, chorar um pouco e, ao fazê-lo, deixara-a ainda mais feliz, ela quase delirara de felicidade, deixara-a ainda mais louca por ele, pela sua carne, pelo seu hálito, cabelo, pénis, olhos. Ela lambera-lhe as poucas lágrimas, quase paralisada com felicidade, mas depois sussurrara por sua vez, não te mexas, sim, mexe-te, não, sim, mexe-te agora e mais depressa, mais depressa, *mais depressa!* Estavam no convés naquela manhã de vida, as montanhas eram cânticos e tudo estava como o descrevemos, porque eram tão novos e fervilhavam de vida, porque mal tinham dormido, porque os seus corpos se tinham colado um ao outro com suor, luxúria, felicidade, porque tinham chorado. É por isso que eram tão bonitos, e intemporais, é por isso que as montanhas se transformaram em cânticos, em poesia preciosa, e ele abraçou-a e ela abraçou-o e disse, com meiguice, atreveu-se a dizê-lo, com delicadeza mas sem hesitação ou vergonha, ao pousar-lhe a cabeça no ombro: Oddur, meu amor, anseio por uma vida com...

Agora, a vida pode começar, pode seguir com toda a sua bagagem, veremos o que acontece.

Finalista do Prémio Médicis Étranger  
e do Prémio Literário do Conselho Nórdico  
Vencedor do Melhor Romance Estrangeiro Lire  
e do Prémio Millepages

## Uma saga familiar de três gerações que acompanha a história da Islândia do século xx.

Após receber uma estranha carta do seu pai, que o faz suspeitar de que este estará em fim de vida, Ari regressa à sua terra natal, em Keflavik, na Islândia. Nesta pequena cidade cercada por campos de lava negra, sede de uma base militar norte-americana, Ari é inundado pelas memórias da sua juventude nos anos 70 e 80, ouvindo Pink Floyd e Beatles, assaltando camiões de abastecimento americanos, e correndo atrás de raparigas. A par da história de Ari, há também a do seu próprio pai e a de seus avós, Oddur e Margret, de como estes se estabeleceram num lugar ancestral e elementar, dos mais inóspitos do mundo, e de como o mar, agora interdito à pesca, foi, para uns, destino, para outros, solidão e medo.

«Um romance notável sobre as mutações do mundo, as fraquezas humanas, as memórias, o remorso e a necessidade de escrever.»

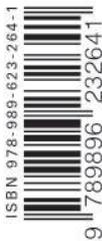
*L'Express*

«A linguagem poética fundamenta o humanismo do texto e faz de Stefánsson um dos maiores escritores do nosso tempo.»

*La Quinzaine Littéraire*

«Não há dúvida de que a Academia Sueca encontrou em Jón Kalman Stefánsson um sério candidato.»

*Lire*



cavalo de ferro